



Análise crítica do discurso: proposta didática de abordagem com estudantes do ensino superior

Maria João Macário^{1,2*} e Ana Isabel Silva^{1,3}

¹Escola Superior de Educação de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, Rua Dr. Maximiano Aragão, 41, 3500-155, Viseu, Portugal. ²Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. ³Centro de Estudos em Educação e Inovação, Instituto Politécnico de Viseu, Viseu, Portugal.

RESUMO. A análise crítica dos discursos mediatizados permite compreender os textos para além dos próprios textos, através da análise das estratégias discursivas e da construção de significados dos atores sociais. A compreensão sobre os contextos sociais no funcionamento (social) dos discursos justifica-se no ensino da Pragmática com estudantes do ensino superior. Tal é o caso dos alunos que frequentam cursos de Comunicação Social, na medida em que a transformação dos discursos para serem difundidos através dos meios de comunicação de massas (quer sejam os tradicionais ou os novos média) será certamente objeto de trabalho nas suas práticas profissionais futuras. Exemplificando como o ensino da Pragmática poderá ser mobilizado para a vida profissional destes estudantes, este artigo centra-se nos resultados de uma proposta didática de análise crítica de discursos mediatizados por estudantes finalistas de Comunicação Social. Esta investigação de abordagem qualitativa foi desenvolvida no ano letivo de 2021/2022 e envolveu uma análise de conteúdo a partir das práticas de análise discursiva dos estudantes, que dispunham de um guião didático para apoiar o seu trabalho de análise. Este estudo de caso, envolvendo 60 participantes, revelou-nos a oportunidade desta proposta para os estudantes compreenderem os discursos como práticas sociais, que resultam e dão origem (simultaneamente) a fenómenos sociais, que importa conhecer. Ao mesmo tempo, esta proposta permitiu contribuir para o desenvolvimento de capacidades analítico-críticas e reflexivo-interpretativas, importantes para a ação profissional futura destes participantes.

Palavras-chave: análise crítica do discurso; discurso mediatizado; práticas de análise discursiva; estudantes do Ensino Superior.

Critical discourse analysis: didactic approach proposal with undergraduate students

ABSTRACT. The critical analysis of mediated discourses allows us to understand the texts beyond the texts themselves, through the analysis of discursive strategies and the construction of meanings of social actors. Understanding the social contexts in the (social) functioning of discourses is justified in teaching Pragmatics with undergraduate students. Such is the case of students who attend courses in Social Communication, insofar as the transformation of discourses to be disseminated through the mass media (whether traditional or new media) will certainly be an object of work in their future professional practices. Exemplifying how the teaching of Pragmatics can be mobilized for the professional life of these students, this article focuses on the results of a didactic proposal of critical analysis of mediated discourses by finalist students of Social Communication. This qualitative research was carried out in the 2021/2022 school year and involved a content analysis based on the students' discursive analysis practices, who had a didactic guide to support their analysis work. This case study, with 60 participants, revealed to us the opportunity of this proposal for students to understand discourses as social practices, which result and give rise (simultaneously) to social phenomena, which are important to know. At the same time, this proposal made it possible to contribute to the development of analytical-critical and reflective-interpretive capacities, which are important for the future professional action of these participants.

Keywords: critical discourse analysis; mediatized speech; discursive analysis practices; undergraduate students.

Received on August 22, 2023.
Accepted on February 27, 2024.

Introdução

O discurso mediatizado resulta da construção de um discurso de comunicação para ser transmitido nos meios de comunicação de massas. Essa circunstância influencia as opções do emissor, no que diz respeito ao conhecimento do/sobre o recetor, do/sobre o ambiente de produção e outras variáveis que, por sua vez, influenciam as estratégias discursivas utilizadas para produzir significados.

Os profissionais da área da comunicação social (sobretudo os jornalistas e assessores) contactam com eventos a partir da mediação de outros, porque raramente são eles próprios a testemunhá-los (Carvalho, 2015). Isso significa que diferentes atores sociais são as suas fontes de informação (direta ou indiretamente), que perspetivam no discurso as suas questões e preocupações sociais e a possibilidade de captarem a atenção para eles. Portanto, sendo o discurso uma prática social, particularmente o discurso dos média reflete uma dada visão da realidade:

O retrato mediático dos problemas sociais depende, obviamente, das preferências e opções dos profissionais do sector, incluindo os valores-notícia com que operam (e.g., GANS, 1979), mas parte, quase necessariamente, da forma como outros atores sociais constroem socialmente uma determinada questão através das suas práticas discursivas (Carvalho, 2015, p. 181).

Importa, pois, perceber que estratégias discursivas (na aceção de Van Dijk (2006)), não significa uma alteração ilegítima da realidade) são utilizadas no discurso mediático para ‘mostrar’, ‘provar’ ou ‘chamar a atenção’ para um dado assunto ou perspetiva (Carvalho, 2015). Estas intervenções discursivas constituem formas de expressão profissional em distintos meios de comunicação que necessitam ser analisadas.

Os cursos de ensino superior das áreas da comunicação social incluem, habitualmente, unidades curriculares de Pragmática, ou de Teoria do discurso, ou de Análise do discurso (ou áreas afins), procurando o desenvolvimento de competências discursivas e socioculturais fundamentais implicadas na abordagem pragmática dos discursos.

Foi neste contexto que desenvolvemos um estudo a partir do olhar dos estudantes sobre a análise crítica do discurso. Este trabalho foi desenvolvido com alunos finalistas da licenciatura em Comunicação Social de uma instituição de ensino superior portuguesa, partindo da análise de discursos dos média por si selecionados e realizados por estes estudantes, a partir de um guião orientador.

Neste artigo, começaremos por abordar teoricamente a linha de investigação da análise do discurso. Seguidamente, apresentaremos o estudo desenvolvido, sua metodologia, principais resultados e discussão. Terminaremos com as conclusões.

Contextualização teórica

A criação e partilha de significados (atribuir um determinado significado aos factos brutos, ou construir ‘eventos mediáticos’) é um processo tão comum aos novos média quanto aos tradicionais. Os média atuam socialmente na partilha de significados, com um forte contributo na produção de sentidos sociais (novos valores, identidades, relações de poder). É por isso que se justifica a análise do discurso mediatizado, porque nos permite compreender como ocorre esta partilha de significados e que representações sociais estão em dominância numa dada época e região.

A análise do discurso (AD) tem vindo a ocupar-se do discurso dos média, como de outros discursos da esfera pública, mas, particularmente a análise crítica do discurso (ACD) é uma linha de investigação que se debruça sobre os discursos dos média, como o têm revelado, sobretudo, três relevantes investigadores com uma vasta obra de investigação publicada: Teun Van Dijk, Norman Fairclough e Ruth Wodak.

A análise do discurso é uma atividade interdisciplinar e é comum às diferentes disciplinas que estudam o discurso, com vista a entender a linguagem como central na vida social: “[...] linguagem e sociedade humana são inextricáveis¹” (Matheson, 2005, p. 3, tradução nossa). Por isso, importa compreender como o discurso tem sido abordado nas diferentes áreas de investigação.

No âmbito dos estudos linguísticos, o pensamento estruturalista saussureano via o discurso como um conjunto de frases logicamente ordenadas com o objetivo de comunicar um dado sentido. Deste modo, discurso e texto confundiam-se, na medida em que o sujeito era entendido como (des)codificador de uma mensagem, a partir de uma língua, que representava uma estrutura invariável. Com o desenvolvimento da pragmática, este paradigma revelou-se insuficiente para compreender o que resulta de/num ato de produção/compreensão de mensagens, enquanto

A palavra na linguagem é sempre metade da outra pessoa. Ela só se torna sua quando o locutor a povoa com as suas próprias intenções, com o seu próprio sotaque, quando se apropria da palavra, adaptando-a à sua própria intenção semântica e expressiva (Santos, 2011, p. 24, tradução nossa).

¹[...] *language and human society are inextricable*”.

Com Bakhtin (1981) compreendemos que os textos resultam de combinações linguísticas em diálogo com situações sociais concretas.

Os avanços em torno da compreensão do discurso tiveram com i) Austin (1965) e ii) Searle (1976) e iii) com Grice (1996) um entendimento de que i) e ii) a linguagem é ação, por isso o discurso orienta para um sentido específico e o conteúdo de uma afirmação, mas também de outros enunciados ao serviço de outros atos de fala, que não se restringem às afirmações/asserções, revestem-se de condições especiais e iii) há um princípio de cooperação que guia as conversações entre os interlocutores, envolvendo fatores discursivos como as pressuposições, inferências e implicaturas.

Charaudeau (2002, p. 3), que tem dado vasta atenção aos discursos dos média e é um nome incontornável na AD da escola francesa, compreendeu essa relação entre linguagem e ação como um “[...] agir sobre o outro, agindo sobre as suas representações do mundo, a partir dos dados situacionais, que foram estabelecidos através de uma certa regulação das trocas sociais”. Nessa medida, os atos de comunicação são finalizados “[...] em termos de influência, regulado[s], em termos de intercompreensão, intersubjetivo[s], em termos de partilha dos saberes, das opiniões e das crenças sobre o mundo” (Charaudeau, 2002, p. 3).

Os estudos de Foucault (1991) também foram importantes para a AD, porque permitiram argumentar que os textos precisariam de ser estudados como parte de uma rede de relações de poder e de identidade. As práticas discursivas seriam determinadas pelas práticas linguísticas dos falantes, que resultariam de um conjunto de normas coletivas e historicamente determinadas.

Na mesma época de Foucault, Pêcheux (1997) entendeu por discurso simultaneamente uma significação e uma representação do mundo. O discurso materializaria ideologicamente um pensamento social e historicamente instituído e o sujeito (não intencional) limitar-se-ia a veiculá-lo: “Assim, uma notícia sobre operários ou imigrantes revelará a memória histórica e cultural e as relações de poder plasmadas na linguagem utilizada.” (Cunha & Peixinho, 2020, p. 185).

A partir da década de 90, paralelamente a esta análise de discurso mais descritiva, desenvolveu-se uma dimensão crítica (Análise Crítica do Discurso), com grande acolhimento na análise dos média. Van Dijk (2017, p. 19) considera-a:

[...] um tipo de investigação de análise do discurso que estuda, em primeiro lugar, o modo como o abuso do poder social, a dominância e a desigualdade são postos em prática, e igualmente o modo como são reproduzidos e o modo como se lhes resiste, pelo texto e pela fala, no contexto social e político.

O que difere nas duas abordagens (AD e ACD) resulta de um diferente posicionamento do analista: enquanto na AD este assume o objetivo de ser tão isento quanto possível, para isso, confere um valor extremo à materialidade linguística, que servirá de suporte às suas interpretações, rejeitando posições ideológicas vincadas; na ACD este é assumidamente ‘crítico’ (*engagé* ou empenhado, assumindo objetivos interventivos de denúncia do que julga estar errado, pretendendo revelar desigualdades, -ismos diversos, estruturas de poder e dominação, etc.).

Nomes incontornáveis na ACD, como Fairclough (2001) e Wodak (Fairclough & Wodak, 1997) compreenderam que o discurso é uma prática social que reproduz e transforma realidades sociais. O sujeito pode assumir diferentes comportamentos: ora se molda ao pensamento ideológico e linguístico, ora o contesta e transforma. Em sequência, a língua tem o poder de moldar a sociedade e moldar-se a ela. Nessa medida, entende-se que o discurso constitui a própria sociedade e a cultura, logo tem um fundamento ideológico.

A ACD considera o contexto como fundamental para a produção e a compreensão do discurso, concebendo o sujeito como ator ideológico, que é simultaneamente agente e resultado dos processos discursivos em vigor (Pedro, 1997). Os analistas do discurso partem das relações entre conhecimento e sociedade para a compreensão dos discursos. Nessa medida, a ACD não se limita a descrever estruturas do discurso, mas procura compreender como é que essas estruturas “[...] põem em prática, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam relações de poder e de dominância na sociedade” (Van Dijk, 2017, p. 20). Daí que a ACD, enquanto área multidisciplinar, se debruce sobre o triângulo discurso-cognição-sociedade (Van Dijk, 2017, p. 37-38, grifos no original):

i) o discurso é o “[...] ‘evento comunicativo’, incluindo interação conversacional, texto, bem como gestos associados, expressão facial, arranjo tipográfico, imagens e qualquer outra dimensão da significação ‘semiótica’ multimédia”;

ii) a cognição envolve as estruturas mentais ou da memória, quer sejam de índole pessoal ou social, quer sejam as crenças ou finalidades, as emoções ou as avaliações;

iii) sociedade refere-se às “[...] macroestruturas locais das interações situadas de face a face [...]” e às “[...] estruturas globais, societárias e políticas”.

Partindo deste triângulo, compreende-se que uma análise de discurso precisará de descrever criticamente (Van Dijk, 2017) i) as macroestruturas semânticas (significado global do discurso e os seus tópicos), ii) os significados locais (significado das palavras, estruturas da proposições e da coerência), iii) estruturas formais subtis (entoação, estruturas sintáticas, estruturas proposicionais, figuras retóricas, mudanças de voz, correções, hesitações, pausas, etc.) e iv) modelos contextuais (contextos globais - estruturas sociais, políticas, culturais e históricas; contextos locais - características da situação imediata, interacional do evento comunicativo).

Desta interface cognitiva das relações entre discurso e sociedade (Van Dijk, 2016), é importante clarificar a importância dos modelos mentais na produção e compreensão do discurso. Particularmente, em relação à dimensão compreensiva, os modelos mentais são ativados e atualizados em permanência, em função dos eventos de que trata o discurso. Estes modelos estão apenas parcialmente expressos nos discursos, portanto, são independentes destes. Isso sucede porque os recetores “[...] precisam apenas de ‘meia palavra’ para reconstruir um modelo mental pretendido com a ajuda das inferências baseadas no conhecimento genérico situacional e socioculturalmente” (Van Dijk, 2016, p. 12, grifo do autor).

Assim, esses modelos mentais são também o que nos permite interpretar as vivências do quotidiano. Constituem “[...] estruturas hierárquicas formadas por um número limitado de categorias fundamentais que definem a estrutura básica da nossa experiência: um cenário espaço-temporal, participantes com diferentes identidades, papéis e relações, objetivos, e uma ação ou acontecimento” (Van Dijk, 2016, p. 11). Tais parâmetros contextuais influenciam as expressões deícticas (tempo, lugar, participantes, ação) e as condições adequadas dos atos de fala no discurso em ação.

Além destes aspectos, há ainda um parâmetro fundamental dos modelos de contexto (Van Dijk, 2016): o conhecimento pragmático. É precisamente o que permite que o falante não expresse, mas pressuponha que o receptor já tem determinada informação ou é capaz de a inferir, a partir de conhecimento socialmente partilhado. Desse modo, é importante relacionar “[...] informações dadas, conhecidas, pressupostas ou de fundo, por um lado, e conhecimento novo, renovado, insuspeitado ou em primeiro plano, por outro” (Van Dijk, 2016, p. 13).

Foi precisamente o que propusemos analisar, a partir de discursos mediatizados selecionados e analisados por estudantes finalistas de uma licenciatura em Comunicação Social de uma instituição de ensino superior portuguesa. De seguida, apresentaremos a metodologia do estudo desenvolvido, para nos centrarmos logo depois na análise dos dados e interpretação dos resultados. Terminaremos com as conclusões.

Método

O estudo que aqui apresentamos desenvolveu-se no âmbito de uma unidade curricular (UC) de Pragmática da Comunicação de um curso de licenciatura em Comunicação Social de uma instituição de ensino superior portuguesa, no ano letivo de 2021/2022. Estiveram envolvidos 60 participantes finalistas de 2 turmas, frequentando o 2.º semestre do 3.º ano da licenciatura. Este curso pretende formar profissionais qualificados em jornalismo, produção e realização audiovisual, assessoria de comunicação e investigação na área da comunicação, dos média e do jornalismo.

A UC de Pragmática da Comunicação corresponde a 135 horas de trabalho, das quais 60h são de contacto com o docente, distribuídas por 7 horas por semana, ao longo de cerca de 2 meses², e entre os seus objetivos está o desenvolvimento de competências discursivas e socioculturais fundamentais implicadas na abordagem pragmática dos discursos e de competências de análise e produção de discursos eficazes, bem como a descodificação de estratégias comunicativas nas interações verbais.

Para efeitos de avaliação individual, foi solicitado aos estudantes que selecionassem um discurso mediatizado recente (2021 ou 2022) para ser analisado (na linha dos estudos de Teun Van Dijk) em termos de parâmetros de modelos de contexto. Os estudantes deveriam identificar as evidências do discurso que apontassem para:

i) o conhecimento pragmático (conhecimento novo, conhecimentos pressuposto e implícito e conhecimento especialmente recente que deveria ser conhecido) e

² Existe a necessidade de concentrar as aulas entre os meses de fevereiro (início das atividades letivas de 2.º semestre) e abril, incluindo a interrupção letiva para férias da Páscoa, na medida em que os estudantes integram os estágios a partir de maio, com a duração de 2 meses. O semestre termina em finais de junho.

ii) as estruturas do contexto (cenário espaço-temporal (manifestado pela dêixis), participantes com diferentes identidades, informação/opinião (manifestados pelos atos ilocutórios), relações que se estabelecem com o público (manifestado pela dêixis), acontecimento que desencadeou o discurso, objetivos do discurso, ação que o emissor pretende desencadear (manifestado pelos atos ilocutórios).

Estas categorias de análise orientadoras foram pré-concebidas a partir dos estudos de Van Dijk (2017) e disponibilizadas aos estudantes num guião orientador.

Antes da realização da análise dos discursos mediatizados selecionados pelos estudantes, foram realizadas as seguintes atividades:

i) apresentação e discussão com os estudantes sobre o projeto de trabalho a realizar durante o semestre, com o intuito de dar a conhecer as suas diferentes fases e objetivos e ainda como oportunidade de gerir as expectativas dos estudantes sobre o trabalho a desenvolver;

ii) contacto com diferentes discursos (diferentes autores, diferentes circunstâncias), representativos da utilização de diferentes estratégias discursivas para concretizar objetivos específicos e que serviram como textos tutores para análise.

Os estudantes contactaram com os discursos, neles identificando evidências relacionadas com conhecimento pragmático e estruturas do contexto, posteriormente refletindo sobre as estratégias discursivas subjacentes e efeitos pretendidos no recetor e, por último, construíram os quadros teóricos, a partir dessas conclusões. Este trabalho foi desenvolvido ao longo de um mês (correspondendo a 12 sessões), antes de os estudantes autonomamente (ainda que com o acompanhamento da docente) realizarem o trabalho individual de análise de um discurso que selecionaram. Nessa medida, nestas sessões foram convocados conteúdos do programa como i) análise do discurso: perspectiva pragmática, ii) pragmática indexical: dêixis e enunciação, iii) dimensão acional da linguagem, iv) comunicação verbal e processos de inferência: o implícito e o pressuposto.

Para desenvolver este estudo que aqui apresentamos, delineámos as seguintes questões de investigação:

i) em que medida a análise pragmática do discurso permite que os participantes no estudo conheçam os acontecimentos, mensagens e representações dos discursos analisados?

ii) de que forma a análise pragmática do discurso é propiciadora do desenvolvimento de capacidades analítico-críticas e reflexivo-interpretativas dos estudantes envolvidos no estudo?

Estas questões de investigação permitiram-nos perseguir os seguintes objetivos:

i) compreender de que modo a proposta de análise dos discursos mediatizados permite aos estudantes identificar estratégias discursivas potenciadoras de veicular determinados acontecimentos, mensagens e representações;

ii) promover o desenvolvimento de capacidades analítico-críticas e reflexivo-interpretativas dos estudantes envolvidos no estudo.

Pela singularidade do fenómeno particular que aqui se quis aprofundar, situamos este estudo no paradigma qualitativo (na linha do descrito por Bogdan & Biklen, 1994; Lessard-Hébert, Goyette, Boutin, & Reis, 2005), enquadrando-o, no plano metodológico, no estudo de caso (como descrito por Yin, 2013). Neste quadro, os instrumentos de recolha de dados consistiram em trabalhos dos alunos submetidos na plataforma *moodle* da unidade curricular e os dados recolhidos foram os resultados da análise que os estudantes realizaram aos discursos por si selecionados, a partir das categorias orientadoras da análise. A partir desses dados realizamos uma análise de conteúdo, na linha do defendido por Bardin (1979) e Amado (2013).

Procurando aceder ao conteúdo desses dados, procedemos a uma codificação, ou seja, a uma 'redução dos dados', através da seleção e recorte de unidades e posterior agregação a categorias: autoria dos discursos e circunstâncias de produção, conhecimento pragmático e parâmetros do contexto. Estas categorias emergiram dos núcleos de sentido, ou seja, das 'unidades de registo' (Bardin, 1979; Vala, 1989), a que correspondem segmentos determinados de conteúdo.

Seguidamente, apresentamos os resultados do nosso estudo, a partir da análise dos estudantes, procurando neles perceber de que modo os estudantes identificavam e compreendiam as mensagens contidas nos discursos analisados.

Resultados e sua discussão

Solicitou-se aos estudantes que selecionassem discursos mediatizados de figuras também mediáticas, pelo que resultou num total de 60 discursos mediatizados analisados, correspondendo a 60 autores diferentes. A

análise que realizámos permitiu identificar uma variedade de autores com diferentes funções sociais: cargo público/político/institucional (30 ocorrências), ativista (7 ocorrências), ator/atriz (4 ocorrências), jornalista, comediante (3 ocorrências cada), cantor, representante de uma comunidade, dirigente, figura das redes sociais/*influencer* (2 ocorrências cada), especialista, ex-combatente, escritor, apresentador e desportista (1 ocorrência cada). Percebeu-se uma clara preferência dos estudantes por autores com funções sociais marcadamente reconhecidas e com impacte na vida das pessoas, pois alguns ocupariam cargos políticos de decisão nacional.

Percebemos que as circunstâncias destes discursos se situavam em intervenção pública de âmbito institucional (23 ocorrências), conferência (12 ocorrências), atribuição de prémio e publicação nas redes sociais (7 ocorrências cada), entrevista (4 ocorrências), intervenção política (3 ocorrências), espetáculo e artigo jornalístico (2 ocorrências cada). Também aqui a preferência dos estudantes recaiu, sobretudo, em circunstâncias de produção em que o ambiente institucional estava presente.

Caracterizados os discursos, cabe-nos identificar duas dimensões da análise realizada pelos estudantes: o conhecimento pragmático e as estruturas do contexto. Por uma questão de economia de espaço, apresentaremos alguns exemplos de diferentes aspetos identificados, analisados e interpretados pelos participantes neste estudo, relativamente a cada categoria e subcategoria de análise.

Relativamente à primeira dimensão, os estudantes identificaram evidências que revelavam: i) conhecimento novo, ii) conhecimentos pressuposto e implícito e iii) conhecimento especialmente recente que deveria ser conhecido do público.

Dos 60 discursos analisados, os estudantes identificaram ocorrências em termos de conhecimento novo em 27 discursos mediáticos, de conhecimentos pressuposto e implícito em 32 e de conhecimento recente em 18. Estes resultados são muito interessantes, porque nos permitem perceber as estratégias discursivas mais utilizadas.

Em termos de conhecimento novo, os estudantes consideraram que os emissores do discurso recorreram, sobretudo, a informação especializada, o que acontece em discursos com emissores que assumem uma posição de especialistas ou de defensores de uma causa numa dada área e que dão a conhecer ao público não-especialista ou menos informado, por exemplo, dados estatísticos ou outros factos sobre um determinado acontecimento. Isto é particularmente interessante. Evoca o que Amossy (2008) refere como “[...] *ethos* pré-construído [...]”: a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares (Amossy, 2008, p. 125). Trata-se de uma certa “[...] forma de se exprimir [...]”, que corresponde ao que socialmente se reconhece a uma determinada autoridade, que, por isso, pode fazer certas afirmações; um ativista tem outro estatuto e, portanto, terá outro discurso. A título de exemplo apresentamos a análise de um estudante:

Considero este um conhecimento novo, uma vez que, apesar da [sic] audiência ter consciência da gravidade da situação, não têm um conhecimento tão aprofundado sobre a mesma. Cada vez que apresenta um aspeto, Guterres decorre [sic] à utilização de números de maneira a impactar a audiência – ‘Mais de 90% dos africanos ainda esperam pela primeira dose’ (parágrafo 3); ‘...as emissões aumentarão 16% até 2030’ (parágrafo 5). (MS)

Estes exemplos de uso de quantificações exatas, que permitem aproximar-se de um discurso científico, são clássicos. Em alguns casos chega-se a transformar valores aproximados ou mesmo qualitativos em valores precisos (Ramos & Carvalho, 2008, p. 237, tradução nossa), o que confere valor ao discurso: “A apresentação de informações factuais e quantificações reforçam a dimensão referencial da linguagem, que privilegia a manifestação do real, a apresentação do existente e a antecipação do futuro sustentada em vozes autorizadas”³. Acontece que não é tanto pela precisão dos *number games* (Van Dijk, 1988, p. 88) que o discurso se torna mais confiável, mas simplesmente por serem dadas referências numéricas: “Eles são predominantemente concebidos como sinais de precisão e, portanto, de veracidade”⁴. Na verdade, as pessoas não retêm esses números (*number paradox*), mas são esses dados numéricos que lhes indicam que a fonte é suficientemente confiável (Koetsenruijter, 2008). Portanto, essa imagem de confiabilidade (o *ethos*) veiculada pelo locutor e que é construída através do próprio discurso é um fator determinante na persuasão (Pinto, 2021). O *logos* e o *pathos* aristotélicos estariam, por isso, subordinados ao *ethos* (Pinto, 2021).

Ainda em termos de conhecimento novo, os estudantes registaram a partilha de memórias do emissor, desconhecidas do público. Esta estratégia justifica-se por permitir estabelecer um ambiente mais próximo do recetor, por vezes intimista, de partilha de informação desconhecida, para criar proximidade e empatia.

³ “The presentation of factual information and quantifications reinforces the referential dimension of language, which privileges the manifestation of the real, the presentation of the existent and the anticipation of the future sustained on authorized voices”.

⁴ “They are predominantly meant as signals of precision and hence of truthfulness”.

No que diz respeito aos conhecimentos pressuposto e implícito, os estudantes identificaram i) quer informação que os emissores dos discursos não tornavam explícita por acreditarem que os recetores conhecessem antecipadamente, por exemplo por se ancorar em conhecimento socialmente partilhado, ii) quer proposições implícitas, não manifestamente declaradas, que obrigariam a um exercício inferencial pelo recetor, a partir de um conhecimento socioculturalmente partilhado. Veja-se o exemplo:

Ainda relativamente às tipologias do conhecimento, Sir David Attenborough transmite conhecimento implícito, através da seguinte frase: 'Uma nova revolução industrial, impulsionada por milhões de inovações sustentáveis, é essencial e, de facto, já está a começar'⁵ (tradução nossa). Ou seja, é necessária uma nova Revolução Industrial, o que denota a ocorrência de uma primeira Revolução Industrial (conhecimento pressuposto), e que esta já está a acontecer, algo que não é verificável em todo o mundo, considerando contextos sociais diferentes. Através da frase seguinte, 'todos nós partilharemos os benefícios'⁶, é pressuposto que há benefícios. (KS)

Um pouco mais de metade dos estudantes identificou este conhecimento presente nos discursos que analisou, o que pode revelar que os restantes estudantes tiveram dificuldade em identificá-lo, dada alguma complexidade inerente a este conhecimento pragmático.

Relativamente ao conhecimento especialmente recente que precisaria de ser lembrado ao público, os estudantes consideraram-no uma forma de enfatização pelo emissor de uma dada circunstância ocorrida:

Em primeira instância, depois de cumprimentar todos os presentes no Capitólio para assistir ao anual discurso do Estado da União, Joe Biden começa por lembrar o propósito que motivou a parte inicial da interlocução – a invasão da Ucrânia pela Rússia. Embora fosse um acontecimento especialmente recente conhecido por todos – conhecimento recente –, dado que teria tido início apenas uma semana antes, o líder estadunidense fez questão de mencionar o ocorrido – 'Há seis dias, Vladimir Putin, da Rússia, tentou abalar as próprias fundações do mundo livre, pensando que poderia fazê-lo curvar-se aos seus caminhos ameaçadores' – parágrafo 3. (LS)

A análise desenvolvida pelos estudantes parece indicar que acederam a acontecimentos, mensagens e representações contidos nos discursos que analisaram. Ao identificarem o conhecimento pragmático desses discursos, puderam perceber quer os modelos mentais subjacentes, quer estratégias de comunicação para convencer os recetores do discurso sobre uma causa, uma ideologia, um ponto de vista.

Passamos, agora, à análise das estruturas do contexto, que se prendia com o cenário espaço-temporal, os participantes com diferentes identidades, a informação/opinião, as relações estabelecidas com o recetor, o(s) acontecimento(s) que desencadearam os discursos, os seus objetivos e a ação/ações (no plano das intenções) que o emissor pretendia desencadear. Essa análise foi realizada principalmente recorrendo à identificação da dêixis e dos atos ilocutórios.

Todos os estudantes conceberam um quadro que identificava as diferentes subcategorias, em associação com evidências que o comprovassem. A análise mais detalhada foi apresentada no corpo do trabalho.

Desde logo, no que diz respeito ao cenário espaço-temporal, através de expressões dêiticas, os estudantes procuraram nos discursos indícios da presença do espaço dos acontecimentos evocados ou do discurso. Isso permitiu-lhes perceber o que os distinguiu e como os emissores dos discursos estabeleciam ligações a esses cenários. Além disso, a presença do tempo dos acontecimentos e do tempo do discurso permitiu-lhes realizar essas distinções também em termos de ocorrências.

Marcelo Rebelo de Sousa também fala sobre António Guterres que fez um apelo muito forte 'se calhar o apelo mais forte que fez como secretário geral [sic] das Nações Unidas, até hoje', com o sentido de existir uma sanção desta conduta da Federação Russa. Destaca também que se sente orgulhoso por ser Presidente da República, onde Portugal é uma comunidade excelente tal como a comunidade ucraniana. (BL)

No que concerne aos participantes com diferentes identidades, os estudantes puderam identificar diferentes papéis assumidos pelo emissor e também papéis que o emissor atribuía ao recetor. Para além disso, através dos dêiticos, puderam perceber também algumas relações que o emissor pretendia estabelecer com o recetor:

Enquadrada nos papéis e relações, é possível identificar a expressão: '*Supongo, que mis abusadores tienen razón. Supongo que no valgo mucho*' parágrafo 5, em que Angelina Jolie assume o papel das vítimas de abuso sexual e de violência doméstica. Sendo que no decorrer do discurso a locutora aplica maioritariamente a terceira pessoa gramatical, para discursar sobre as vítimas de abuso e de violência doméstica, '*como los sobrevivientes de abuso lo saben muy bien*' – parágrafo 8, Angelina Jolie recorre ainda ao verbo 'supor' na primeira pessoa do singular, com o intuito de encarar a voz das vítimas '*Supongo, que mis abusadores*'. (ML)

⁵ "A new industrial revolution, powered by millions of sustainable innovations, is essential, and is indeed already beginning".

⁶ "we will all share in the benefits".

Os estudantes puderam, ainda, identificar acontecimentos presentes nos discursos:

Quanto ao acontecimento, este existe quando o orador refere: ‘estivemos aqui há sensivelmente quatro anos, pela primeira vez, há quatro cinco meses atrás voltámos aqui, e não há duas sem três. Tocámos o céu, subimos ao topo de uma montanha e novamente chegámos lá’. Com esta frase, é possível perceber o acontecimento (conquista do Euro 2022 revalidando o título de campeões) que fez com que eles estivessem no Palácio de Belém a ser condecorados, pela terceira vez, em quatro anos. A primeira, quando ganharam o Euro 2018, a segunda vez quando venceram o Mundial 2021 e novamente voltaram a estar ali, uma vez que venceram o Europeu 2022, tornando-se numa seleção Bicampeã Europeia, uma vez que ganharam o mesmo título duas vezes consecutivas. (TS)

Também identificaram objetivos do discurso:

[...] o remate final é feito com ‘isso implica uma mudança fundamental de mentalidade, ou seja, em vez de pensar como salvamos o oceano, devemos pensar como podemos ajudar o oceano a salvar-nos’ (8:37), esclarecendo o público face ao objetivo da apresentação e a sua importância. (MT)

Além disso, indicaram a ação que o emissor pretende desencadear (pela identificação de atos ilocutórios):

Ursula von der Leyen incentiva a que todos tomem uma atitude dando o exemplo de que a União Europeia já começou: ‘Temos de agir. O Kremlin será responsabilizado’- segundo paragrafo. (TF)

Estes exemplos revelam que os estudantes puderam analisar com algum detalhe discursos mediatizados do seu interesse, neles identificando e interpretando as estratégias discursivas subjacentes para que o emissor do discurso se aproximasse do público, convencendo-o dos seus argumentos e orientando-o para a ação.

De seguida, apresentaremos as principais conclusões deste estudo.

Considerações finais

Neste trabalho, foi apresentado um estudo sobre análise crítica do discurso desenvolvida por estudantes finalistas da licenciatura em Comunicação Social, no contexto de uma unidade curricular de Pragmática da Comunicação. A proposta de trabalho com a análise crítica do discurso foi feita aos estudantes de modo a que se assumissem como analistas de discursos do seu interesse, neles identificando práticas discursivas com impacto social, uma vez que todos foram produzidos em contextos mediatizados, ou seja, foram difundidos através de meios de comunicação de massas.

O guião orientador da análise que foi disponibilizado aos estudantes continha critérios de análise que eram do seu conhecimento por terem sido debatidos amplamente nas aulas. Além disso, os estudantes tiveram acompanhamento da docente da UC ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Este acompanhamento e posteriormente a nossa análise permitiu-nos compreender a importância de práticas desta natureza em sala de aula, porque se trata de oportunidades de os estudantes refletirem sobre os diferentes aspetos da sua análise com o professor e com os pares.

Os resultados da nossa análise revelaram também a oportunidade de trabalho com a análise do discurso para que os estudantes compreendessem como os textos mediatizados podem ter efetivo impacto no público recetor e que, sendo disseminado nos meios de comunicação de massas, têm repercussões sociais de bastante relevo. Estes estudantes aproximavam-se a passos largos do estágio e, posteriormente, da conclusão da licenciatura e início da sua atividade profissional, pelo que consideramos muito importante que compreendam o poder das palavras do profissional da comunicação social.

Resgatamos, por isso, as nossas questões de investigação para a nossa reflexão neste ponto do trabalho:

- i) em que medida a análise pragmática do discurso permite que os participantes no estudo conheçam os acontecimentos, mensagens e representações dos discursos analisados?
- ii) de que forma a análise pragmática do discurso é propiciadora do desenvolvimento de capacidades analítico-críticas e reflexivo-interpretativas dos estudantes envolvidos no estudo?

Consideramos que os estudantes compreenderam, desde logo, que estes discursos, por serem mediatizados, tiveram, naturalmente, uma clara preparação antecipada que é possível identificar, quando se realiza uma análise mais detalhada das estratégias discursivas envolvidas e que correspondem a práticas discursivas que socialmente os falantes de uma comunidade partilham entre si no seu quotidiano para a consecução de objetivos e efeitos determinados. Falamos no conhecimento pragmático que os estudantes identificaram: o novo, o pressuposto e o implícito, e o que deve ser recordado. Estes conhecimentos que explícita ou implicitamente estão contidos nas mensagens permitem orientar a interpretação para um dado

significado que o emissor pretende que se alcance. E isso não significa necessariamente um enviesamento de sentidos, mas simplesmente que o emissor pretende que o recetor alcance um sentido particular.

Isso foi visível na identificação de conhecimento novo, nomeadamente através da veiculação de informação desconhecida do recetor, através por exemplo de partilha de informação pessoal do emissor, o que permite criar um ambiente mais intimista entre emissor-recetor. O recurso ao conhecimento pressuposto foi identificado como potenciador da ativação da memória episódica do recetor, convocada pelo emissor do discurso. No caso do implícito, que obriga a um esforço de interpretação pelo recetor, os estudantes identificaram, sobretudo, pedidos ou incitamento a ações pelo recetor.

Por outro lado, os papéis assumidos pelo emissor ou que este atribui ao recetor, o modo como evoca os acontecimentos ou como retoricamente a circunstância de produção atribui ao emissor um caráter de confiança no discurso, ou a ação que se pretende desencadear e as evidências que se lhes associa permitiu que os estudantes compreendessem como essas dimensões estão presentes no discurso e como contribuem para prosseguir um dado significado.

Considerando que se trata de uma primeira experiência de análise discursiva pelos participantes que, futuramente, terão de produzir textos para fins determinados de contexto profissional, parece-nos tratar-se de uma oportunidade para desenvolverem de forma efetiva as suas competências analíticas, críticas, reflexivas e interpretativas do trabalho com a língua materna, que é (e será) instrumento de trabalho nas suas práticas profissionais futuras.

Referências

- Amado, J. (2013). Questionários abertos e “composições.” In J. Amado (Coord.), *Manual de investigação qualitativa em educação* (p. 271-274). Coimbra, PT: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Amossy, R. (2008). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo, SP: Contexto.
- Austin, J. L. (1965). *How to do things with words*. New York, NY: New York Press.
- Bakhtin, M. (1981). Discourse in the novel. In M. Holquist (Ed.), *The dialogic imagination four essays* (p. 269-422). Austin, TX: University of Texas Press.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa, PT: Edições 70.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, PT: Porto Editora.
- Carvalho, A. (2015). Discurso mediático e sociedade: repensar a análise crítica do discurso. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, 175-199.
- Charaudeau, P. (2002, 11 de mai.). *O discurso entre a ação e a comunicação*. Recuperado de <http://www.patrick-charaudeau.com/O-discurso-entre-a-acao-e-a.html>
- Cunha, I. F., & Peixinho, A. T. (2020). *Análise dos média* (2a ed.). Coimbra, PT: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Grice, P. (1996). Cooperation and implicature. In G. Yule (Ed.), *Pragmatics* (p. 36-47). Oxônia, GB: Oxford University Press.
- Fairclough, N. (2001). *Language and power*. Londres, UK: Longman.
- Fairclough, N., & Wodak, R. (1997). Critical discourse analysis. In T. A. van Dijk (Ed.), *Discourse studies. A multidisciplinary introduction. Vol. 2. Discourse as social interaction* (p. 258-284). London, GB: Sage.
- Foucault, M. (1991). *Discipline and punish: the birth of the prison*. Londres, UK: Penguin.
- Koetsenruijter, W. (2008). How numbers make news reliable. In L. Dam, L.-L. Holmgreen, & J. Strunck (Eds.), *Rhetorical aspects of discourses in present-day society* (193-205). Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., Boutin, G., & Reis, M. J. (2005). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas* (2a ed.). Lisboa, PT: Instituto Piaget.
- Matheson, D. (2005). *Media discourses. Analysing media texts*. Maidenhead, UK: Open University Press.
- Pêcheux, M. (1997). *O discurso: estrutura ou acontecimento* (2a ed.). Campinas, SP: Pontes.
- Pedro, E. R. (1997). Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In E. R. Pedro (Orgs.), *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional* (p. 19-46). Lisboa, PT: Caminho.

- Pinto, R. (2021). Argumentação retórica e ethos organizacional: estudos de caso em contexto português. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, 43(1), e56904. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v43i1.56904>
- Ramos, R., & Carvalho, A. (2008). Science as rhetoric in media discourses on climate change. In L. Dam, L.-L. Holmgren, & J. Strunck (Eds.), *Rhetorical aspects of discourses in present-day society* (223-247). Newcastle, UK: Cambridge Scholars Publishing.
- Searle, J. R. (1976). A classification of illocutionary acts. *Language in Society*, 5(1), 1-23. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0047404500006837>
- Santos, J. V. (2011). *Linguagem e comunicação*. Coimbra, PT: Almedina.
- Vala, J. (1989). A análise de conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (3a ed., p. 101-128). Porto, PT: Edições Afrontamento.
- Van Dijk, T. A. (1988). *News as discourse*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Van Dijk, T. A. (2006). Discourse and manipulation. *Discourse & Society*, 17(3), 359-383.
- Van Dijk, T. A. (2016). Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. *Letrônica*, 9(supl.), s8-s29. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2016.s.23189>
- Van Dijk, T. A. (2017). *Discurso, notícia e ideologia: estudos na análise crítica do discurso* (2a ed.). Ribeirão, PT: Edições Húmus.
- Yin, R. K. (2013). *Applications of case study research*. SAGE Publications.